

OS ADVENTISTAS ENFRENTAM A CULTURA: DEVIAMOS NÓS AMAR OU ODIAR O MUNDO?

Humberto M. Rasi, Ph. D.

Diretor, Departamento de Educação, Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia

A Igreja Adventista do Sétimo Dia pode realmente pretender ser internacional em sua obra e global em sua visão. Depois de 150 anos de um programa missionário sistemático, os adventistas estabeleceram sua presença na maioria dos países do mundo. Com quase 13 milhões de membros adultos projeta-se que o número de membros alcançará a cifra de 20 milhões em poucos anos. Estamos envolvidos cada vez mais em educação, desenvolvimento sócio-econômico, saúde, comunicação em massa, pesquisa e as artes em muitas partes do mundo.

Este crescimento global e amplo envolvimento em várias áreas nos obriga a enfrentar o que tem sido chamado a questão cristã perene: Como nos devíamos relacionar com a cultura na qual vivemos? Uma resposta breve foi dada por Jesus mesmo, quando intercedeu junto do Pai a favor de Seus seguidores: “Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal...assim como tu me esviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo” (João 17:15-18).

Um exame de duas passagens do apóstolo João revela uma tensão intrínseca. De um lado citando as palavras de Jesus a Nicodemos, João escreve: “Porque Deus amou ao mundo [*kosmon*] de tal maneira, que deu Seu filho unigênito” (João 3:16). De outro lado, Ele os adverte: “Não ameis o mundo [*kosmon*] nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele”(I João 2:15).

A questão é clara. Estamos no mundo, um mundo que Deus ama, e um mundo no qual temos uma missão. E contudo não somos deste mundo e devíamos acautelar-nos para não nos enamorar com este mundo.

Como harmonizar estas declarações aparentemente em conflito? Como podemos estar no mundo e ainda não fazer parte dele? Como entendemos e nos relacionamos com a cultura, a comunidade, e nosso comprometimento com a fé? Onde traçamos a linha entre as exigências da sociedade e as do reino de Deus?

Um estudo das Escrituras e do modo como os cristãos lidaram com o problema no passado nos ajudará (1) definir alguns conceitos fundamentais; (2) rever respostas básicas ao problema; e (3) esboçar uma posição adventista do sétimo dia.

Conceitos fundamentais

Para começar, definamos duas palavras: *cultura* e *mundo*. Num sentido lato, a cultura pode ser definida como as crenças, valores, e prioridades de uma comunidade expressos através de suas instituições, práticas e manifestações criativas.¹

Para obtermos uma perspectiva bíblica da cultura, precisamos volver ao mandato cultural que Deus deu a nossos primeiros pais na Criação: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra” (Gênesis 1:26). “E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar” (Gênesis 2:15).

Este mandato dá à humanidade domínio sobre a terra. O domínio inclui não somente poder e autoridade, mas também criatividade, preocupação e cuidado. O Senhor ordenou-nos que cultivássemos e cuidássemos da terra. O verbo latino *coloere* (cuidar, cultivar) é a raiz da palavra *cultura*. Num sentido bíblico, então, cultura pode ser compreendida como resultado do cultivo e da inter-ação humanos com a criação de Deus. Vista assim, a cultura é o ambiente secundário que as mãos e mentes humanas impõem ao mundo natural.

O Novo Testamento freqüentemente usa a palavra *mundo* (*kosmos* em grego) para designar a cultura, ou os resultados da atividade e da criatividade humanas. O uso tem duas conotações. A primeira é neutra ou positiva. *Mundo* é visto como a ordem criada, incluindo a terra material (Mateus 24:21), o povo que vive sobre ela (Mateus 4:8; João 12:19), a esfera da vida humana (I Timóteo 6:7), e o alvo da missão dos discípulos (Mateus 5:14). Embora afetados pela Queda, o mundo e seus habitantes são vistos como criação de Deus.

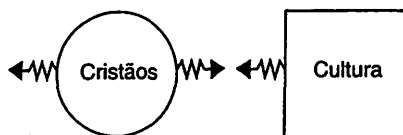
O segundo uso bíblico tem uma conotação negativa. *Mundo* consiste de agentes humanos em rebelião declarada contra Deus, controlados pelo inimigo. A terra e seus habitantes são vistos como envolvidos numa luta cósmica entre forças espirituais sob o comando de Jesus e Satanás (Efésios 6:12). Nesta competição pela lealdade, o mundo não reconheceu Jesus como Deus quando Ele veio a esta terra (João 1:10) e fez-Lhe oposição através de Seu ministério (João 16:33). Daí João advertir os seguidores de Cristo a não amar este mundo ou o que este mundo ama: “Os anelos do homem pecador, a concupiscência dos seus olhos e a jactância do que ele tem e faz”. Tudo isto diz ele “vem, não do Pai, mas do mundo” e, conseqüentemente, passará (I João 2: 16, 17). Tiago acrescenta que a amizade com um mundo tal é equivalente a odiar a Deus (Tiago 4:4). Com efeito, porque deveria um cristão amar um mundo tal, porque como Paulo diz, sem Deus o mundo é sem esperança de qualquer modo (Efésios 2:12) e sua sabedoria é nada mais do que loucura (I Coríntios 1:20)?

Assim a Bíblia propõe uma compreensão dupla do mundo: De um lado, um mundo que evidencia ser a criação original de Deus e Sua obra para sua restauração; do outro, um mundo, controlado por Satanás, em rebelião contra Deus, promovendo uma vida independente dEle. Os cristãos devem viver no primeiro e fugir do segundo. Mais do que isto, vivendo no primeiro, eles tem uma missão no segundo. Não precisam temer o mundo, porque as potestades daquele mundo, sob domínio de forças demoníacas, já foram derrotadas na Cruz e estão fadadas à aniquilação no final do tempo (Malaquias 4:1; Apocalipse 20:7-10).

Três respostas básicas

Até este fim cataclísmico, que deveriam os adventistas fazer? Talvez possamos aprender da história fazendo a pergunta: Como lidaram os cristãos do passado com este problema? A obra seminal de Richard Niebuhr sobre a questão nos permite isolar três respostas principais que emergem ao vermos como cristãos do passado lutaram com a cultura.²

Primeira resposta: oposição e separação. Esta posição depende da premissa que o mundo presente é mau e os cristãos são “peregrinos e forasteiros” nele (I Pedro 2:11). Conseqüentemente, os cristãos não deviriam ter nada a ver com o mundo.



A história do cristianismo é repleta de exemplos desta resposta. Os cristãos primitivos rejeitaram a cultura greco-romana, considerando-a idólatra e corrupta. O movimento monástico da Idade Média refletia o desejo de completa separação do mundo. Em séculos mais recentes, muitos movimentos sectários protestantes--os Irmãos, Menonitas, Anabatistas, Quacres e os Mileritas (precursores de nossa igreja)--também abraçaram esta abordagem.

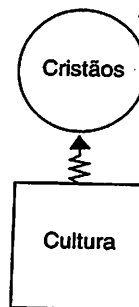
Como devíamos avaliar esta resposta? Aqueles que seguiram esta senda o fizeram com a crença sincera que estavam aplicando fielmente o ensino de Jesus Cristo às suas vidas. Sua sinceridade devia ser respeitada e sua coragem em sofrer perseguição e martírio devia ser admirada. Sua não foi um vereda de rosas. Seu comprometimento total com o evangelho e a natureza radical de seu cristianismo muitas vezes resultou em reavivamento e reforma na história.

Contudo, a Bíblia não autoriza um afastamento completo e isolamento do mundo. Com efeito, mesmo quando adverte que não devíamos nos identificar com o mundo e suas preocupações, insiste que comuniquemos e representemos a mensagem de Deus ao mundo necessitado. O fato é que os cristãos não podem escapar à cultura. Fomos criados

como seres sociais, e é dentro de uma sociedade ou de uma cultura que vivemos, trabalhamos, adoramos e testemunhamos. No mínimo aqueles que rompem com o mundo simplesmente desenvolvem uma cultura diferente ou uma sub-cultura. Mais importante, a resposta de afastamento assume que o pecado é causado pelo mundo exterior, ao passo que a Bíblia ensina que o pecado começa na mente. Ênfase excessiva sobre separação do mundo torna a religião irrelevante e dificulta a comunicação do evangelho.

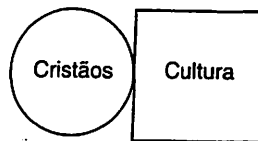
Segunda resposta: tensão. Esta resposta reconhece neste mundo evidências tanto da bondade da criação original de Deus como do mal da queda humana. Mas a presença é marcada por uma tensão inevitável entre os dois: entre o reino de Cristo e o do inimigo. Os cristãos têm procurado resolver esse dilema de diferentes modos:

* **O Cristianismo superior à cultura.** Esta opinião considera a cultura como boa fundamentalmente mas deficiente e por conseguinte necessitada de melhoria. Os cristãos deveriam envolver-se em todas as atividades mundanas lícitas, mas viver por uma norma mais elevada de bondade inspirada pelo amor divino. O intelecto humano pode alcançar somente um conhecimento e felicidade imperfeitos; sabedoria suprema e verdadeira realização são obtidas apenas mediante Jesus Cristo.



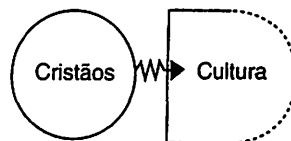
Temos aqui uma base racional para cooperação entre cristãos e não-cristãos para melhoramento da vida no planeta, e ao mesmo tempo que admitimos a característica nítida do evangelho. Crentes que abraçaram esta opinião têm tido uma influência positiva sobre as artes, educação, governo e as ciências. Contudo, esta resposta não reconhece a presença radical do mal em todo empreendimento humano, deixando os cristãos com o risco de cuidar apenas da preservação e melhoria da cultura e não do estabelecimento do reino de Deus.

O Cristianismo em justaposição com a cultura. Esta posição dualista reconhece que o resultado da atividade humana no mundo é usualmente má mas necessária. Há um conflito inevitável entre a justiça de Deus e a pecaminosidade humana. A razão é contaminada com egoísmo, e a cultura é infectada com a impiedade. Embora os cristãos sejam conscientes da situação, não podem dela escapar. O apóstolo Paulo viu que os esforços da sociedade no domínio moral visam mais prevenir o mal de se tornar destrutivo e não prover um bem positivo (ver Romanos 13:4). De igual modo, Martinho Lutero (1483-1546) viu a vida cristã neste planeta ser ao mesmo tempo trágica e prazenteira--um dilema sem resolução aquém da morte.



Cristãos dualistas enfrentam a tensão entre os ideais de Deus e a realidade humana, entre graça e pecado. Os crentes que se envolvem com o mundo o fazem sem ilusões. Eles enfatizam conversão individual e, como Paulo, consideram as instituições sociais apenas como refreadoras de anarquia e não forças construtivas que cuidam da liberdade humana e da justiça.

*** Cristianismo transforma cultura.** Esta posição considera a cultura caída mas passível de redenção. O mundo presente ainda reflete a criação de Deus, embora imperfeitamente. O problema é um bem que foi pervertido, não maldade essencial. A cultura precisa ser transformada, não descartada, e os cristãos podem mudar o mundo para a glória de Deus.



Agostinho (354-430) e João Calvino (1509-1564) são representantes desta posição cheia de esperança. O envolvimento dos cristãos nos “negócios mundanos”--negócio, educação, saúde e ciência, por exemplo--tem resultado em melhoria admirável de várias sociedades. Contudo, a natureza mesma do ativismo sócio-político levanta duas advertências para o cristão. Primeiro, com o passar do tempo o ativismo pode facilmente desgastar as preocupações centrais do evangelho. Segundo, há a suposição de que a

solução final ao predicamento humano jaz em programas sociais e não no ensino bíblico de que Deus intervirá para estabelecer Seu reino eterno.

Terceira resposta: assimilação. Esta posição assume que a cultura é basicamente boa. Ela chama atenção às abundantes evidências da presença e atividade de Deus neste mundo. Não estabeleceu o cristianismo no passado uma conexão com a cultura ou mentalidade (por exemplo, catolicismo medieval, capitalismo esclarecido ou socialismo cristão)?



Enfatizando comunicação e cooperação, esta abordagem permite que o evangelho seja interpretado, compreendido e abraçado em diferentes contextos culturais. Mas há riscos. Na prática, uma tendência para comprometer a essência do evangelho se insinua, resultando na emergência de Cristo como o grande mestre moral e não o Senhor da vida e o único Salvador do mundo. Assim, o cristianismo se converte num humanitarismo. A distinção empanada entre os reinos de Deus e de Satanás, apoiado por um humanismo moralista, oferece numa salva de prata salvação universal. Uma tentação mais séria é para os cristãos buscarem poder político e misturar objetivos e métodos religiosos e políticos.

Para uma posição adventista

Qual destas abordagens tem sido a atitude adventista para com o mundo durante nossa história de 150 anos? E qual devia ser nossa postura presente? Obviamente, ela precisa ser consistente com a revelação bíblica e bastante flexível para corresponder com as diversas culturas e contextos nos quais os adventistas vivem. Proponho que tal postura inclua ao menos três princípios:

1. Favorece uma cosmovisão bíblica que inclua o tema do Grande Conflito.³ Esta narrativa abarcante, esboçada nas Escrituras e elaborada por Ellen White, é o quadro dentro do qual os adventistas colocam a história da salvação. Consiste de sete grandes momentos:

* *Criação no céu.* Algum tempo no passado remoto Deus cria um universo perfeito e o popula com seres inteligentes.

* *Rebelião no céu.* Uma criatura exaltada, Lúcifer, desafia o governo de Deus e atrai para o seu lado muitos dos habitantes do céu, os quais são finalmente banidos para a terra.

* *Criação.* Deus cria a vegetação e a fauna no planeta terra, e chama à existência nossos primeiros pais, Adão e Eva.

* *Queda.* Satanás tenta Adão e Eva ao pecado, e o mundo inteiro sofre as conseqüências.

* *Redenção.* Jesus Cristo, o Criador, vem a este mundo em carne humana e por Sua morte e ressurreição torna a salvação acessível aos que O aceitam.

* *Segunda Vinda.* Cristo volta a esta terra em glória, concede imortalidade aos que O receberam como Salvador, e os leva para o céu.

* *Restauração.* No final do milênio Deus destrói aqueles que rejeitaram a Sua salvação, elimina o mal do universo, e restaura a criação a seu estado prestino.

O Grande Conflito tem seu centro em duas visões conflitantes do caráter e dos princípios de Deus: Um que considera Deus como amante, misericordioso e justo; o outro que considera Deus arbitrário, injusto e parcial. Nosso mundo tornou-se o campo de batalha para estas forças opostas do bem e do mal, e a batalha é travada principalmente através de vidas humanas. Embora criados à imagem de Deus, caímos de nosso estado de perfeição original. Sem auxílio sobrenatural não podemos volver à nossa condição original.

2. Busca um relacionamento crítico com a cultura ao redor. Tal postura requer que equilibremos quatro abordagens bíblicas ao mundo, levando em consideração o contexto no qual vivemos:

* **Separação** de tudo em nossa cultura que seja francamente contrário à vontade revelada de Deus. Deus é santo; aqueles que escolhem amá-IO buscam santidade (I Pedro 2:9) e “evitam toda aparência do mal” (I Tessalonicenses 5:22). Cristo espera lealdade total de Seus seguidores a Seus princípios (Mateus 6:24; 12:30) e rejeição total do mal (Apocalipse 18:2, 4).

* **Afirmação** de tudo em nossa cultura que seja compatível com a revelação de Deus e o plano original para a humanidade. Deus é a fonte de toda verdade, justiça e beleza atingíveis pelos seres humanos (Tiago 1:17). Ademais, Deus comunicou mediante

o Espírito Santo as diretrizes básicas da bondade para operar no ambiente humano (João 16:13; Romanos 2:14, 15). Assim os cristãos precisam afirmar, como o fez Paulo, todos os aspectos aceitáveis da cultura, e usá-los para executar o mandato do evangelho de viver e testemunhar como cristãos (I Coríntios 9:22, 23; Atos 17:19-34).

* **Transformação** de seres humanos, o exercício de uma influência positiva sobre as estruturas e práticas sociais através desses indivíduos, e o movimento da cultura em direção de uma maior conformidade com os princípios divinos (Mateus 6:10). Por esta razão, os adventistas do sétimo dia dão prioridade à conversão espiritual, e consideram o ensino, cura e desenvolvimento sócio-econômico como atividades complementares na transformação da humanidade. Honrar a Deus deve sempre consuir o objetivo final de todas as atividades nas quais os cristãos se empenham (I Coríntios 10:31; Colossenses 3:17).

* **Contribuição** à cultura ao redor através de elementos que beneficiam a humanidade e promovem vida. Jesus lançou Seu ministério terrestre enfatizando as dimensões espirituais e sociais de Sua missão (Lucas 4:18, 19). Através da história, o mundo tem sido enriquecido pelas contribuições de artistas, benfeitores, legisladores, missionários, músicos, cientistas e outros profissionais cristãos. Com efeito, os cristãos têm promovido liberdade religiosa, tornaram a educação acessível às massas, fundaram a ciência moderna, aboliram a escravatura, encorajaram a filantropia e produziram obras de arte que despertam o melhor nos seres humanos.

Esta abordagem inteligente ao mundo e à cultura pode ser diagramada como segue:



3. Estude a Palavra de Deus, ore por discernimento e ouça as intuições de outros adventistas dedicados. Em nosso envolvimento inevitável com o mundo, deveríamos buscar sabedoria do Espírito Santo. Juntamente com outros adventistas, nós também precisamos discutir como o conselho bíblico se aplica ao nosso relacionamento

com a cultura na qual vivemos. Não devíamos rezear sermos contra-culturais, se necessário. Como Jesus prometeu (João 16:13), o Espírito Santo nos guiará em nossas escolhas--nossa carreira ou profissão, nosso entretenimento, o uso de nossos recursos, participação em atividades sociais como votar, e nossa postura em questões tais como liberdade e justiça, vida e morte, guerra e paz, ambiente e saúde pública.

Walter Bruggemann vê na história do exílio dos judeus em Babilônia uma metáfora poderosa para cristãos que vivem numa cultura hostil. Ele escreve sobre esta “companhia de exilados”:

Tais pessoas estão ativas procurando manter uma identidade alternativa, uma visão do mundo e uma vocação alternativa num contexto social onde as forças principais da cultura procuram negar, desacreditar ou desconsiderar esta identidade esquisita. O grande problema para os exilados é a assimilação cultural. A ameaça primária para aqueles antigos judeus foi dos membros da comunidade decidirem que a identidade de judeu era muito exigente, ou muito perigosa, ou muito custosa, e simplesmente aceitam as definições e modelos da realidade dos babilônios....os judeus desapareceram no amálgama de Babilônia, assim os cristãos agora, como nunca dantes no Ocidente, desaparecem na hegemonia do secularismo... nossa tarefa é... sustentar....uma identidade alternativa, subversiva, contra-cultural.⁴

Fazendo a vontade de Deus onde estivermos

Mas até Jesus voltar a esta terra para estabelecer Seu reino eterno, Ele espera que façamos a Sua vontade onde nos acharmos--justamente como Ele o fez com o endemoninhado de Marcos 5:1-20. Depois de libertar o homem, Jesus e seus discípulos estavam se preparando para voltar ao outro lado do lago. O homem que tinha experimentado o poder curativo de Jesus quis segui-lo. Mas Jesus disse a Seu novo seguidor que voltasse para casa--à sua própria cultura--e partilhasse as boas novas com sua família e amigos. É aí que jaz a chave para uma compreensão da cultura: Seremos seguidores de Jesus onde estivermos, e testificar das maravilhas de Sua graça num mundo fragmentado. Como Niebuhr observou:

Crer nEle [Cristo] e lealdade à Sua causa envolve os homens no movimento duplo do mundo para Deus e de Deus para o mundo... os cristãos... estão sempre sendo desafiados a abandonar todas as coisas por amor de Deus; e sendo sempre enviados de volta ao mundo para ensinar e praticar todas as coisas que lhes têm sido comandadas.⁵

Deveriam os cristãos então amar ou odiar o mundo?

O amor do homem é a manifestação terrestre do amor de Deus. Foi para implantar este amor, para fazer-nos filhos de uma família, que o Rei da glória tornou-Se um conosco....quando amamos o mundo como Ele o amou, então para nós Sua missão está realizada. Estamos qualificados para o ceu; porque temos o ceu em nossos corações.⁶

Notas e referências

1 Adaptei a definição de Oliver R. Barclay's em *The Intellect and Beyond* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Corporation, 1985), pág. 123.

2 Ver Richard Niebuhr, *Christo and Culture* (New York: Harper and Row, 1951).

3 Ver John M. Fowler, "Formando uma Visão de Mundo ", *Diálogo* 2:1 (1990), págs. 5-8,30, 31; e Humberto M. Rasi, "Batalhando em Duas Frentes", *Diálogo* 3:1 (1991), págs. 4-7, 22, 23.

4 Walter Bruggemann, *Cadences of Home: Preaching Among Exiles* (Louisville, Kentucky: Westminster/John Know, 1997), págs. 41, 42.

5 Niebuhr, pág. 178.

6 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Casa Publicadora Brasileira, Santo André, SP: 1979), pág. 641.

Discussão

1. Faça uma crítica da palestra assinalando as áreas de acôrdo ou desacôrdo. Até que ponto é o conceito de “envolvimento crítico” com cultura/mundo válido para os adventistas do sétimo dia? Se é, que podemos nós como educadores fazer para ajudar nossos estudantes internalizá-lo e aplicá-lo? Aos nos relacionar com a cultura contemporânea, que critérios deveríamos usar para distinguir entre separação, afirmação, transformação e contribuição?

2. Qual tem sido a postura adventista do sétimo dia com respeito à cultura, tanto em nosso contexto social como em nosso trabalho missionário? Tem a abordagem de nossa igreja em relação à cultura/mundo evoluído com o tempo? Porque? Como avaliamos esta mudança? Que significa “contextualizando o evangelho” em nossas atividades missionárias? Quais são as vantagens e riscos dessa estratégia? É ser “contra-cultural” um alvo digno para adventistas?

3. A *Epistle to Diognetus*, escrito anonimamente no segundo século, provê uma resposta cristã à curiosidade pagã sobre esta “seita” religiosa em crescimento? No capítulo 5, o autor escreve: “Os cristãos não se diferenciam do resto da humanidade quer pelo país de origem, língua ou costumes. Não vivem em cidades próprias; não usam linguagem peculiar, não seguem um modo excêntrico de vida. Vivem em seus próprios países, mas como estrangeiros; participam de tudo como cidadãos, e suportam tudo como estrangeiros. Todo país estrangeiro é sua terra, e toda terra um país estrangeiro”. Reflita sobre este parágrafo e suas implicações. É esta postura--“cidadãos residentes”--um conceito válido para adventistas do sétimo dia ao nos relacionar com o mundo? Se o aplicássemos, que mudanças seriam requeridas em nosso modo de pensar, estilo de vida, entretenimento, normas e conduta?

4. Como deveriam os adventistas relacionar-se com a cultura no mundo acadêmico e nas profissões? Qual das quatro atitudes devíamos enfatizar na vida prática: separação, afirmação, transformação ou contribuição? Dentre os caracteres bíblicos, quem deveria ser nosso(s) modelo(s) ao nos relacionar com a cultura de nosso país: José, Moisés, Daniel, Ester, João Batista, Paulo? Porque? Quais são as implicações práticas de sua escolha?